timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO XIV PREÇO AVULSO: 120$00 Nº 146-MARÇO 1998

IMPRESSÕES DE VIAGEM

Em visita a Timor Leste durante uma semana e meia, no final de Janeiro último, dois turistas australianos contaram as suas impressões de viagem ao programa de rádio Timor Oan, *emitido em tetum na rádio de New South Wales (Austrália), pelo ETRA,* East Timor Relief Association.

Num território ferreamente fechado à comunicação social pelas autoridades indonésias, os relatos de observadores independentes acabam por ser uma das formas privilegiadas de conhecimento da real situação no terreno.

A presença maciça do aparelho militar de ocupação e as precárias condições ambientais foram dois dos aspectos que mais impressionaram os visitantes, conforme ressalta de extractos dessa entrevista, que reproduzimos.

MILITARES: MUITOS E DESMORALIZADOS

Quanto à presença militar, ela é ostensiva, em particular na costa sul, bem mais intensa do que no lado norte da ilha. Na estrada Same - Viqueque, por exemplo, «*havia postos de controle por cada par de quilómetros e o motorista do autocarro tinha de manter mão atenta na buzina, porque os indonésios abrem fogo sobre qualquer veículo que não reconheçam, por temer que possa estar a abastecer a guerrilha*».

Nas imediações de Viqueque, uma zona densamente arborizada onde as Falintil são tradicionalmente muito activas, «*havia militares em toda a parte, absolutamente em toda a parte.*»

Na opinião dos visitantes, o moral das tropas ocupantes é muito baixo e sentem-se já os efeitos da crise económica na Indonésia. Em conversa com um oficial indonésio, durante um encontro fortuito num restaurante, «*ele disse-nos que estava muito preocupado com a crise, se iria ou não receber o salário e qual o valor do mesmo. Com todo o dinheiro que o governo lhes paga para estarem em Timor, isso agora pouco lhes interessa, porque o dinheiro nada vale.*»

A estada no território é cada vez mais um sacrifício. Longe vão os dias em que as comissões de serviço em Timor Leste rendiam dinheiro e prestígio: «*Muitos deles estão convencidos de que irão ser transferidos e muitos mais detestam estar em Timor. Durante a viagem não encontrámos um só militar que nos dissesse que gostava de estar em Timor Leste.*»

A presença das Falintil também preocupa os militares, em particular em Viqueque, onde continua a vigorar o recolher obrigatório. «*Fartaram-se de nos dizer para estarmos à vontade, apesar de reconhecerem que havia muitos "bandidos" na zona, que atacavam o exército. São muito cautelosos, mesmo no restaurante estão sempre em alerta, nunca relaxam, sempre a espreitar para trás.*» Um pormenor impressionou um dos visitantes: «*ao ser interrogado no posto da polícia pelo comandante militar de Viqueque, notei que ele envergava um colete à prova de bala. Obviamente que ele não pode passear à vontade e em segurança pelas ruas da vila. Ele e os restantes militares.*»

OS VISÍVEIS EFEITOS DA SECA

Na sequência dos alertas lançados a partir do fim do ano passado por organizações de direitos humanos e por dirigentes nacionalistas timorenses, os responsáveis indonésios e a comunidade internacional parecem finalmente começar a levar a sério a ameaça das potenciais consequências desastrosas da seca que persiste nessa área do globo num tecido social tão fragilizado como é o timorense, potenciadas pelos efeitos da

neste número:

IMPRESSÕES DE VIAGEM

INDONÉSIA: OBVIAMENTE, SUHARTO

MEMÓRIAS PERDIDAS

«NÃO SOMOS TERRORISTAS»

crise económica indonésia.

Ultimamente têm-se sucedido, em autêntico corrupio, as visitas de individualidades a Timor Leste, à procura de informações em primeira mão e prometendo ajuda. Foi o caso da visita do vice-embaixador do Reino Unido na Indonésia, em 3 e 4 de Fevereiro, a que se seguiu o embaixador dos EUA, a 6 e 7 desse mês. Em meados do mesmo, foi o próprio representante permanente da Indonésia na ONU que se deslocou a Díli para averiguar em particular da situação de fome vigente em Ataúro.

A existência de sérias carências alimentares em determinadas áreas é comprovada pelo donativo de 25 mil dólares, atribuído pelo governo dos EUA e pelo envio pelo governador Abílio Osório de 10 toneladas de arroz, ambos destinados a Ataúro. A precariedade da situação ressalta também da opinião dos referidos visitantes australianos, entrevistados pelo programa *Timor Oan*. Nas palavras de um deles: «*Diria que a costa sul recebeu menos chuva que o normal. Apesar disso, há ainda camponeses nessas zonas que não têm problemas excessivos em conseguir produzir comida suficiente para todos. Aí não vimos situações de fome. No entanto, na costa norte, tudo está incrivelmente seco. As ribeiras estão quase secas e em Díli, por exemplo, a ribeira de Comoro deixou de correr. (...).*»

«*Vimos pessoas transportando comida da costa sul para a costa norte, em camiões. Os mercados do lado norte estão muito pior abastecidos que os do lado sul. (...) Diria, portanto, que a situação em Timor Leste ainda não atingiu um ponto crítico. No entanto, se a ausência de chuva continuar, em particular ao longo da costa norte, então estou convencido que as colheitas se perderão totalmente e que poderá ter de se transportar auxílio alimentar exterior, de avião.*»

ELEIÇÕES INDONÉSIAS: OBVIAMENTE, SUHARTO

Sem sombra de surpresa, Suharto iniciou no passado dia 11 de Março o seu 7º mandato como Presidente da República da Indonésia e tendo como seu Vice o polémico ministro da Indústria e Tecnologia, B. J. Habibie.

A crise económica que atinge o país acabou por deixar sem escolha a sua classe dominante. Tendo-se mostrado, ao longo dos anos, incapaz de forjar os mecanismos da sua renovação (e logo da sua reprodução), o regime sentiu-se encurralado e, face às massas urbanas que nas ruas gritavam por arroz e, em seu nome, saqueavam as lojas, não encontrou outra saída senão apostar na continuidade. E o que parecia difícil e complicado acabou por parecer quase natural.

O mesmo, porém, parece não ter sucedido com o seu Vice. Constitucionalmente, este substitui o Presidente em caso de incapacidade deste. Mas esta eventualidade, remota no passado, ganhou desta vez maior acuidade. Não tanto pela idade ou por razões de saúde do velho ditador (que não são de subestimar), mas porque a incapacidade do regime em gerir a crise económica pode levar a uma agudização dos conflitos sociais que aconselhem a uma substituição de Suharto. Daqui o ser fundamental encontrar uma personalidade que tivesse o apoio - ou que, pelo menos, não tivesse a oposição - das forças armadas.

Suharto conseguiu esse apoio para Habibie.

O antigo ministro da Indústria e Tecnologia tornou-se uma figura controversa com a sua aposta em transformar a Indonésia, um país da periferia, num produtor de tecnologia competindo com os países do centro. E levou os governos de que fez parte a investir muitos milhões de dólares na construção naval, no armamento e na aeronáutica civil. Esta política viu os seus frutos há dois anos atrás quando o ministro presenteou Suharto com o espéctaculo da evolução nos céus de Jacarta do protótipo do primeiro avião *made in Indonesia*. Os seus custos, porém, arriscam-se a torná-lo incomercializável. Este aparente sucesso não impediu que crescesse o número dos que consideram estes investimentos um perfeito desperdício face ao estado geral em que se encontra o país.

Habibie voltou a estar nas bocas do mundo quando, em 1994, as críticas geradas pela sua aquisição de velhos barcos de guerra alemães levou à suspensão de três semanários e ao fim de uma timorata, e controlada, liberalização da imprensa.

Aproveitando a insatisfação de várias camadas da população, o Movimento para a Renovação da Indonésia (GPI) lançou um apelo à Assembleia Consultiva (MPR) sob o lema "O povo deste país é soberano" e de que reproduzimos excertos.

«*A Assembleia Consultiva Popular (MPR), que esteve reunida de 1 a 11 de Março de 1998, falhou em responder aos apelos do povo, feitos através de organizações, personalidades públicas e individualidades várias.*

A sessão, que não custou menos de 45 biliões de rupias, falhou na procura de uma resposta satisfatória a um conjunto de problemas:

1. A MPR não pediu ao Presidente, (...), um relatório completo sobre a crise económica e política que resultou num aumento de preços dos bens essenciais, no desemprego para milhões de cidadãos, na bancarrota de milhares de pequenas empresas, e inúmeras outras consequências que trouxeram a catástrofe a pessoas urbanas e rurais em todo o país.

2. A MPR (...) nada fez para remediar práticas como a corrupção e o nepotismo, que ocorrem praticamente a todos os níveis da burocracia.

3. A MPR foi surda em relação às aspirações e exigências do povo, particularmente no que diz respeito à liderança nacional que tem estado nas mesmas mãos há trinta anos. (...) a MPR apenas foi capaz de produzir um único candidato a Presidente, o aposentado General Suharto.

4. A MPR interpretou erradamente a "Democracia Pancasila" como sendo uma cultura de yesmen *que esperam que lhes digam o que fazer e concordam com tudo o que lhes é colocado à frente, tendo tido como resultado a ignorância das aspirações do povo, que é o legítimo detentor da soberania deste país.*

5. Pior que tudo isto é o povo estar a perder rapidamente a fé na lei e no governo porque a justiça é rotineiramente vergada para servir os interesses dos que estão no poder e dos que têm dinheiro.

Por isso apelamos aos jovens, estudantes, trabalhadores, profissionais, camponeses, motoristas, pescadores, artistas, donas de casa, funcionários públicos, homens de negócios, activistas políticos, membros das forças armadas e todos os outros, jovens ou idosos, que anseiam por uma reforma, que se juntem pacificamente na quarta-feira, 11 de Março 1998, às 10h, no edifício da MPR-DPR para exigir que a MPR expresse o anseio do povo por reformas e renovação da nossa querida pátria, Indonésia. (...).»

MEMÓRIAS PERDIDAS

«A afirmação de um povo que quer ser dono da sua própria história» *passa pela preservação da sua memória. Assim escreveu Zito Soares, estudante universitário timorense em Coimbra.*

Zito António de Jesus Soares faz parte da centena e meia de jovens timorenses que, por embaixadas várias, vieram até Portugal nos últimos anos.

Filho de Duarte de Jesus Soares e de Florentina Calisto, nasceu em Venilale, Baucau, em Maio de 1971.

O seu pai foi assassinado pelas tropas indonésias em Setembro de 79 e a sua mãe viria a falecer pouco depois, deixando nove filhos órfãos.

Fez os estudos primário e secundário em Díli, tendo completado este último no Colégio de S.José.

Em 93 conseguiu uma bolsa de estudos do governo indonésio para frequentar a Faculdade de Direito na Universidade de Brawijaya em Malang, Java Oriental.

«Frequentava o segundo ano de Direito nesta universidade quando tomei a decisão de participar na manifestação ocorrida em Jacarta, em frente da embaixada norte-americana, para comemorar o terceiro aniversário do massacre de Santa Cruz aquando da realização da Cimeira da APEC [Asia-Pacific Economic Cooperation].»

Foi um momento alto na luta de emancipação do povo timorense. Tirando partido da presença de centenas de jornalistas estrangeiros que se tinham deslocado à capital indonésia para cobrir o acontecimento, 29 jovens estudantes timorenses invadiram os jardins da embaixada dos EUA, concentrando sobre eles os olhos do mundo. Timor Leste encheu então, de novo, as páginas e os noticiários televisivos.

Seguiu-se um delicado processo de negociações com as autoridades que terminou com o abandono das instalações da embaixada e o refúgio em Portugal. *«Quando tomei a decisão de participar nesta manifestação estava pronto para ser preso ou morto, mas a história trouxe-me até Portugal.»*

O "Grupo dos 29" - como ficou conhecido - chegou a Lisboa em Novembro de 94. Foi o início de uma vida nova, da inserção numa sociedade e cultura diferentes e desconhecidas.

«Fiz a minha primeira aprendizagem da língua portuguesa com o CIDAC (...). Ao abrigo de um regime jurídico especial pude ter acesso ao ensino superior. Fui colocado na Universidade de Coimbra no Curso de Psicologia e das Ciências da Educação, depois de não me terem sido reconhecidos os dois anos de Direito feitos em Java.

Na tentativa de conseguir melhorar o português e tentar uma adaptação mais flexível à sociedade portuguesa, participei desde cedo em iniciativas da Academia Coimbrã. Neste momento canto no Orfeão Académico de Coimbra, sou presidente do Conselho Fiscal da ONG internacional "Acção Jovem para a Paz" (ex-Movimento Cristão para a Paz) e, juntamente com os outros estudantes timorenses de Coimbra, formámos um grupo de música timorense inspirado no modelo das tunas académicas, o ATC - Académicos Timorenses de Coimbra.»

O texto que aqui apresentamos foi escrito por Zito Soares para a "acção de formaçao para a democracia em Timor Leste" organizada pela Universidade do Porto.

TEMPO PARA TUDO

«Um dia (no tempo e no espaço) perguntei a mim mesmo: que vamos fazer de nós? O que seremos nós? Estava eu num espaço longínquo e num tempo que não era tempo. Onde duas décadas passam em 20 e poucos anos, quatro séculos e meio passam em 450 anos.

Mas um ano tem apenas 365 dias. Apesar de tudo, tenho 26 anos.

Há sempre tempo para tudo. Tempo para sepultar um amigo, curar um amigo, de marchar de um lado para o outro nas montanhas, ir para outro combate, mais um colóquio, mais uma conferência, mais uma audiência, mais uma reunião clandestina. Há também tempo para deixar cair uma gota de lágrima clandestina, para escrever uma poesia, compor uma canção, mas o tempo da liberdade nunca chega.

Era-me tudo confuso. Não sei localizar-me no espaço. A memória dos lulik [os entes sagrados] que eu próprio não conheço, as cinzas dos mortos, os hábitos dos meus avós... e nela vejo a minha melodia desfeita que não me permite fazer outra leitura... vejo os cemitérios sem nomes e a história da minha Terra manipulada.»

GERAÇÃO SEM RAÍZES

«A propósito, lembrei-me dos tempos em que andei na escola em Timor e em que travei uma conversa com uma pessoa mais velha. Ela falava-me dos tempos em que era estudante. Sabia de cor a história de Portugal, as personagens todas das dinastias e a origem do povo português. Conhecia Portugal sem nunca ter estado em Portugal.

E eu respondi-lhe que eu também conheço o Reino de Majapahit e Sriwijaya e as personagens históricas como Pangeran Diponegoro, Patimura, Kartini, etc. Mas dizia-lhe também que eu não estou a viver no tempo dele. E entre nós não sabíamos quem era D. Boaventura de Manufahi, os Reinos de Behali e da Rainha Mena. Que triste realidade!

O drama da minha Terra, quanto tempo!?

A tensão elevava-se, doía-me ao pensar Nela. Não sei ao certo o que se passa com esta hipocrisia (internacional) pois tudo se resume na palavra "política" e o que está em jogo é o destino de um Povo!

Era uma respiração de raiva, um estado de insatisfação nua, senti que nós nesta fase da luta só nos podemos desenvolver no isolamento e num círculo fechado, carregados pela dinâmica lenta dos erros passados. Nós, a geração nova, ou talvez seja melhor dizer, geração sem as raízes dos seus antepassados, ficamos vagos, entre dois cenários: um em ruínas, outro na imaginação e que é ainda para ser construído.»

«O MEU SONHO NUNCA ACABARÁ»

«O tempo da luta e da afirmação de nós mesmos para com outros,

também é tempo de aprender mais alguma coisa, como nesta Acção de Formação para a Democracia em Timor Leste. Porque nós não existimos para viver no mundo dos outros e nas decisões dos outros. Queremos ser donos da nossa própria Terra, recuperar e reconstruir os valores perdidos.

Como dizia Max Muller, "o mundo mítico é essencialmente o mundo da ilusão (...). O Mito será sempre uma lenda fabulosa". E, a propósito, lembro-me da lenda do crocodilo. "O meu sonho acaba aqui", disse o crocodilo. Mas o rapaz respondeu: "o meu sonho nunca acabará".

Eu alimento-me nesta história, onde a ficção começa e a realidade acaba e resta-me olhar para o futuro, onde o mito deseja diluir-se no espaço mudado e tempo perdido para reconquistar um espaço na sua própria História.

Porque a minha história é como se fosse um pedaço de qualquer coisa, sem nome, como um carrinho de lata esquecido por uma criança.

Com este pequeno projecto de apresentação teatral, o nosso grupo entende que neste momento do processo de luta queremos lançar ideias relativamente ao futuro, aos problemas que nos são colocados hoje: educação, saúde, formação de quadros, emprego, ... de modo que toda uma cultura de medo, de ameaça, de exploração, de intimidação, perca o seu lugar no futuro de Timor Leste independente onde de uma nova forma harmoniosa os jovens cresçam em dignidade, liberdade, para poderem conhecer e desenvolver as suas próprias raízes culturais.

Há sempre um amanhã para sonhar!»

«NÃO SOMOS TERRORISTAS»

Em 15 de Setembro do ano passado, Constâncio da Costa foi preso, juntamente com outro jovem timorense, quando desembarcava no cais de Díli, na posse de bombas de fabrico artesanal.

Em Fevereiro último, foi tornada pública a alegação de defesa que o jovem timorense apresentou no decorrer do seu "julgamento" na capital timorense.

Preso por agentes dos serviços secretos indonésios, Constâncio foi de imediato conduzido ao posto de polícia existente no porto onde, depois de revistado, foi acusado de estar na posse de 20 bombas.

No próprio dia e no seguinte à sua captura, Constâncio foi sujeito a interrogatório e torturas de forma a confessar a quem se destinava o material explosivo encontrado, bem como uma carta cuja autoria as autoridades indonésias atribuíram ao Comandante Xanana Gusmão. No decorrer dos interrogatórios afirmou que desconhecia o destinatário dos referidos materiais já que era suposto contactar telefonicamente, quando chegasse a Díli, o Secretário Geral da AST (Associação Socialista Timorense) que se encontrava em Semarang (Java), de forma a receber instruções nesse sentido. A polícia, porém, não acreditou no que lhe foi relatado e, para escapar à tortura, o jovem timorense prestou declarações falsas no sentido do que as autoridades indonésias queriam.

Na sua alegação, lida em tribunal no passado dia 30 de Dezembro, Constâncio apresentou-se como timorense, recusando quer a cidadania indonésia quer a portuguesa, e prestou homenagem a todos os timorenses mortos e desaparecidos no decorrer da invasão e ocupação de Timor Leste, e em especial aos que morreram nos massacres de 1977-79 no Monte Matebian, em 1981 em Kraras (costa Sul de Timor) e em 1991 no Cemitério de Santa Cruz.

Justificando e assumindo a manufactura artesanal dos engenhos explosivos descobertos na sua posse, de acordo com instruções de Xanana Gusmão («*o único responsável por todas as actividades relacionadas com o fabrico destas bombas*»), Constâncio exigiu que fosse permitido ao referido dirigente da Resistência timorense poder testemunhar no seu "julgamento", pré-condição absoluta para continuar a estar presente nas sessões restantes.

Declarou ainda que o material explosivo se destinava às FALINTIL, visando «*destruir as forças militares indonésias em diferentes locais de Timor Leste*». «*Segundo as ordens de Xanana Gusmão, nós sabíamos que a bomba não se destinava a ser usada contra civis (...). Nunca houve qualquer intenção de matar civis, nem sequer de sabotar a tomada de posse do Governador de Timor Leste, Abílio Osório, ou mesmo de o matar, tal como o governo indonésio afirma.*»

«*O objectivo da luta das Falintil, e da sua força especial Brigada Negra, é defender uma Nação, Timor Leste, e de libertar o povo timorense da opressão das forças militares indonésias. Nós não somos TERRORISTAS (...). Não podem apelidar a força de guerrilha de terrorista, porque Timor Leste é uma zona de guerra, portanto nós podemos procurar todos os meios necessários para expressar as nossas ASPIRAÇÕES POLÍTICAS e de chegar ao nosso objectivo: a libertação de Timor Leste (...). As nossas vidas estão determinadas e não existe alternativa: independência ou morte.*»

Até hoje, as autoridades indonésias têm-se mostrado pouco receptivas ao envolvimento de Xanana Gusmão neste processo.

Segundo informações recolhidas posteriormente, no passado dia 8 de Fevereiro Constâncio da Costa entrou em greve de fome e de silêncio, tendo recusado a visita que a sua mãe lhe quis fazer na prisão.

Entretanto, continuam abrigados na embaixada austríaca em Jacarta os quatro adultos - três timorenses e uma indonésia - e as duas crianças que em Setembro do ano passado ali procuraram refúgio, no seguimento da operação policial levada a cabo após a explosão de uma bomba de fabrico caseiro numa casa em Semarang onde vivia um grupo de timorenses.

O governo de Viena tem-se mantido firme na sua recusa em os entregar à polícia e as autoridades indonésias têm-se mantido intransigentes em não os deixar sair para Portugal.

Recorde-se que dois deles são acusados pelo regime de Jacarta de serem os "cérebros" de uma rede "terrorista".

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-2ª E, 1050 Lisboa, Tel.: 3172 860, Fax: 3172870
E-mail: cdpm@gn.apc.org; URL: http://cygnus.ci.uc.pt/~cdpm/index.htm
IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317